

Estudos de Ficção Científica

Artigo | Guerra Lemuriana Temporal (2021)

Tradução por Willian Perpétuo Busch

Revisores: Luigi Arone, Mayra Sousa Resende

CCRU. Guerra Temporal Lemuriana. **Scriptoriumm**, Trad. Willian Perpetuo Busch, Mayra Sousa Resende; Luigi Arone. 2021. Disponível em:

[<https://scriptoriumm.com/2021/06/ccru-guerra-lemuriana-temporal/>](https://scriptoriumm.com/2021/06/ccru-guerra-lemuriana-temporal/).

Este relato mapeia a participação de William Burroughs na oculta guerra temporal, e consideravelmente excede as concepções mais aceitas acerca de suas probabilidades sociais e históricas. O embasamento foi dado a partir de “informações sensíveis” transmitidas para o Ccru por uma fonte de inteligência que chamamos de William Kaye[1]. A narrativa foi parcialmente ficcionalizada visando proteger a sua identidade individual.

[1] Ccru encontrou pela primeira vez com William Kaye em 20 de março de 1999. Na ocasião, afirmou tratar-se do primeiro e último encontro que iria ocorrer – e o seu intuito em contactar o Ccru era para garantir que o seu relato seria “preservado das correntes destruidoras do tempo”. A ironia não era, imediatamente, evidente.

Kaye admitiu que as suas experiências tornaram sensível a “alucinações paranóicas cronomaniacas”, e o Ccru insiste em considerar que grande porção do seu conto é extremamente implausível [2]. Mesmo assim, apesar de suspeitar que a sua mensagem foi severamente comprometida por inferências duvidosas, ruídos e desinformação, podemos considerar com crescente convicção que ele era,

efetivamente, um *insider* de algum tipo, mesmo que a organização na qual adentrou era, em si, um *hoax* elaborado, ou uma ilusão coletiva. Kaye fazia referência a essa organização como “A Ordem” ou – seguindo Burroughs – “O Conselho”.

[2] Gravamos os nossos comentários, dúvidas, bem como detalhes de sua história nas notas de rodapé deste documento.

Reduzido ao seu enunciado provocativo mais básico, Kayes afirma o seguinte: “Os Lêmures Fantasma de Madagascar” [3] – ocasionalmente referenciado como o “Necronomicon de Burroughs” – um texto datando de 1897, e que teve influência decisiva e fundamental na carreira mágica e militar do *Capitão Mission*, três séculos antes. Mission aparece nos relatos históricos como um notório pirata, ativo no período de 1700 d. C; a sua fama e renome surgiu a partir da fundação de *Libertatia*, uma colônia anarquista criada na ilha de Madagascar. Kaye afirmou que encontrara evidências claras do impacto de Burroughs em Mission, sobretudo a partir da biblioteca de Peter Vysparov, onde Kaye trabalhou ao longo de sua vida. A coleção de Vysparov, mantida de forma prístina, continha uma antiquíssima ilustração transcrita de *Os Lêmures Fantasma de Madagascar* e escrita de forma minuciosa por Mission. [4]

[3] A história foi publicada pela *Omni Magazine* em 1987. A única prerrogativa imposta pela revista é que o texto não poderia conter excesso de sexo.

[4] Kaye era solene acerca da crença na existência destes dois textos e que não se tratava de coincidência ou plágio, apesar de que sua argumentação era, naquele momento, um tanto quanto obscura e pouco persuadiu o Ccru. O Ccru não foi capaz de rastrear rascunhos de *Mission*, de maneira que poderia identificar com o manuscrito, mesmo que Kaye tenha nos garantido que o British Museum, o Smithsonian Institute, como várias coleções particulares, tinha posse desses documentos relevantes (estes, por sua vez, negaram).

Kaye nos garantiu que o “Conselho” considerava a “demonstrabilidade da fenda temporal” como um “assunto de grande urgência”. Ele nos explicou que a organização nasceu como uma reação ao pesadelo do tempo que se desfaz — para usar suas exatas palavras — espiralando-se descontrolavelmente. Para o Conselho,

espirais, em particular, referem-se a símbolos repugnantes da imperfeição e da volatilidade. Diferente dos “loops” fechados, as espirais têm nós abertos. Isso permite que se espalhem, tornando-as contagiosas e imprevisíveis. O Conselho designou a Kaye tarefa de conter a situação, designando-o a tarefa de terminar com o *templex espiral*. [5]

[5] O conceito de “templex espiral” demarca que uma análise rigorosa das anomalias temporais que se escavam numa estrutura espiral; isto foi detalhado amplamente nas aulas de R. E. Templeton na Miskatonic acerca da viagem temporal transcendental. Um breve relato deste material foi produzido pelo Ccru e publicado como “O Episódio Templeton”, na Digital Hyperstition, Abstract Culture, volume 4.

Hiperstição

O que Vysparov buscava em Burroughs dava-se no seu interesse evidente pela convergência entre feitiçaria, sonhos e ficção. Nos anos imediatos do pós-guerra, Vysparov criou o *Clube Cthulhu* para investigar as conexões entre a ficção de H. P. Lovecraft, mitologia, ciência e magia [6], e passava pelo processo de formalizar a constituição da Miskatonic Virtual University (MVU), um conglomerado fluido de teóricos não-tradicionais que trabalhavam nas beiradas de conotações Lovecraftinianas. O interesse pela ficção de Lovecraft advinha da exemplificação pela prática de hiperstição, um conceito fluido elaborado e amplamente debatido desde a criação do *Clube Cthulhu*. Fluidamente definido, a cunhagem do termo remete a “ficções que se fazem reais”.

[6] O envolvimento de Vysparov com a OTO (Ordo Templi Orientis) de Aleistair Crowley e a magia thelêmica é evidente no seu tratado acerca da “Magia Negra Atlanteana” (Kingsport Press, 1949). As suas investigações acerca das conexões entre Crowley e Lovecraft espelham as pesquisas de Kenneth Grant, apesar de que não há nenhuma evidência para acreditar que Grant teria tido acesso à síntese do *Clube Cthulhu*.

Kaye chamou a atenção do Ccru para as descrições virais de Burroughs presentes em “Ah Pook Está Aqui”: “O que é um vírus? Talvez uma série pictórica de glifos egípcios que se fazem reais” (AP 102). Os documentos deixados por Kaye contam

com uma cópia — com duas sentenças — em itálico no original — e sublinhadas. Para Kaye, o eco da linguagem de Vysparov era a “evidência inequívoca” da influência russa sobre o trabalho de Burroughs após 1958. Sendo ou não o caso, tais passagens indicam que Burroughs, tal como Vysparov, interessava-se nas relações hipersticionais entre escrita, signos e realidade.

No modelo hipersticional rascunhado por Kaye, a ficção não é oposta ao real. A realidade é compreendida como composta por ficções – terrenos semióticos consistentes que condicionam respostas perceptivas, afetivas e comportamentais. Kaye considerava o trabalho de Burroughs um exemplar da prática hipersticional. Burroughs construiu escrita – e arte no geral – não pela estética, mas pela funcionalidade, – o que é dizer, magicamente, a magia se define pelo uso de signos que produzem mudanças na realidade.

Kaye mantém que, longe de accidental, a equação de Burroughs entre realidade e ficção foi abraçada apenas no seu aspecto negativo — como uma variedade do ceticismo ontológico pós-moderno — e ignorando o seu aspecto positivo, como uma investigação acerca dos poderes mágicos de encantamento e manifestação: a eficácia do virtual. Para Kaye, a assimilação de Burroughs no textualismo pós-moderno constitui um ato deliberado de “sabotagem interpretativista”, visando desfuncionalizar os escritos de Burroughs, convertendo-os num exercício de estética estilística. Longe de constituir uma subversão do realismo representativo, a celebração pós-moderna do texto sem referência meramente consome um processo que o realismo representativo iniciou. O realismo representativo rompe com as funções ativas da escrita, rendendo-a ao papel da reflexão, e não da intervenção no mundo. É a beirada dimensional da textualidade pristina, na qual a existência do mundo que seja independente do discurso é negada.

De acordo de Kaye, a metafísica das ficções de Burroughs era nitidamente hipersticional, podendo se contrastar com aquelas em funcionamento na pós-modernidade. Para a pós-modernidade, a distinção entre real e não-real não foi substantivada, ou mantida em questão, enquanto aqueles que praticam hiperstição, distinguem crucialmente as gradações de realização. O processo hipersticional de entidades que se fazem reais é precisamente a passagem, a transformação, nas quais os potenciais (virtualidades já ativas) realizam-se. Operando não como uma

representação passiva, mas como um agente ativo de transformação e um portal através do qual entidades podem emergir. “Pela escrita de um universo, o escritor faz com que aquele universo seja possível”. (WV 321)

Tais operações não ocorrem em território neutro, como Kaye apontou. Burroughs tratava todas as condições da existência como resultados de conflitos cósmicos entre competências de agências inteligentes. Ao se fazerem reais, as entidades (devem) manufaturar realidades para si: realidades cuja potência dependem da estupefação, que subjuga e escraviza populações, e cuja existência está em conflito com outros “programas de realidade”. As ficções de Burroughs renunciavam deliberadamente o estatuto de plausibilidade representacional em prol duma operação direta nesse plano de guerra mágica. Onde o realismo meramente reproduz o programa de dominação recorrente da realidade, mas nunca identificando a existência de tal programa, Burroughs busca aquilo que está fora [*outside*] dos códigos de controle visando dismantelar e rearranjar o controle. Todo ato de escrita é uma operação de feitiço, um ato de guerra revolucionário onde uma multiplicidade de eventos factuais guia-se pelos poderes da ilusão... (WV 253-4). Mesmo o realismo representativo participa – quase sem saber – numa guerra mágica, colaborando com o sistema de controle e endossando-a como a única realidade possível.

Do ponto de vista daqueles que controlam, Kaye nos diz, “imperava que Burroughs seja mantido e pensado como um mero escritor de ficção”. É por isto que tanto fizeram para mantê-lo no gueto da experimentação literária.

O Universo do Deus Único

Burroughs nomeou o programa de controle dominante como UDU (Universo do Deus Único). Ele trava guerra contra a ficção do UDU, construída a partir da dominação e monopólio do poder da mágica da Palavra: por meio da programação e da ilusão. UDU estabelece a ficção, que atua no nível mais fatal da realidade, no qual questões de destino biológico e imortalidade se decidem. “Religiões são armas” (WL 202)

Para operarem ordenadamente e efetiva, UDU deve, prioritariamente, negar a existência da guerra mágica em si. Há apenas uma única realidade: a sua própria. Ao escrever sobre a guerra mágica, Burroughs inicia um ato de guerra contra o UDU,

majoritariamente contestando a “unidade primal”. UDU incorpora todas as ficções concorrentes com a sua própria história (a meta-narrativa definitiva), reduzindo sistemas de realidade alternativos em componentes marcados como negativos do seu próprio *mythos*: o programa doutra realidade se torna Mal, associado com os poderes de ilusão e fraude. Os poderes do UDU trabalham por ficções que repudiam o seu próprio estatuto ficcional: anti-ficções e não-ficções. “Por isso”, disse Kaye, “as ficções servem como armas para lutar contra o Controle.”

No UDU, a ficção é contida por um enquadramento metafísico, delimitando profilaticamente todo contato entre a ficção e o que está fora. A função mágica das palavras e signos é condenada como vil e declarada como ilusória, facilitando o monopólio sobre o poder mágico da linguagem para o UDU (claro, este nega que o seu próprio *mythos* exerça qualquer influência mágica, e se apresenta como uma mera representação da Verdade). A confiança do UDU na ficção como contida implica que os agentes anti-UDU podem usar a ficção como cobertura para traçar linhas de comunicação e na forma duma arma secreta: “ele esconde e revela o conhecimento de forma ficcional” (WV 455)

Isso, para Kaye, é “uma fórmula prática de hiperstição”. Diagramas, mapas, conjuntos de relações abstratas, engodos táticos, são reais na ficção tanto quanto a ficção sobre a ficção é, na medida que os encontra em seu estado puro, e sujeitando-os ao contrabando semiótico para permitir múltiplos enquadramentos e dando vazão ao tráfico de materiais que decodificam a realidade dominante e que, doutra forma, seriam ignorados. Em vez de atuar como uma tela transcendental, bloqueando qualquer contato de si com o mundo, a ficção atua como uma caixa chinesa – um contêiner de feitiços intervencionais no mundo. O quadro é tanto usado (para ocultar) quanto para quebrar (as ficções potencialmente mudam a realidade).

Enquanto as hiperstições agitam a produção de uma “descrença positiva” – tornando provisório qualquer enquadramento da realidade em nome do engajamento pragmático e não do vacilo epistemológico – UDU consome a crença. Para funcionar, a história que percorre a realidade deve ser a crença, e nesta também implica na ausência de suspeita ou crença num programa de controle da realidade. Credulidade diante da meta-narrativa do UDU é inevitavelmente acoplado com uma

recusa em aceitar que entidades como Controle tenham qualquer existência substancial. É por isso que, para escapar do OGU, o pré-requisito é o rachamento de todas as crenças. “Apenas aqueles que podem abandonar tudo aquilo que acreditam tem qualquer possibilidade de escapar” (WL 116) Técnicas de fuga dependem de obter a descrença do assassino mágico Hassan i Sabbah: “nada é verdade, tudo é permitido”. Mais uma vez, Kaye pede cautela para que isso se distinga do “relativismo pós-moderno”. Burroughs-Sabbah ‘nada é verdade’ não se equaciona com o enunciado pós-moderno “nada é real”. Ao contrário: nada é real, pois não há uma versão singular, autorizada, da realidade – mas, superfluidades, excessos de realidade. “O plano de jogo do Adversário é persuadir que ele não existe” (WL 12).

O Episódio

A história de Kaye começou no verão de 1958, quando o seu empregador Peter Vysparov encontrou com William Burroughs durante a realização de investigações ocultistas em Paris [7]. Como resultado deste encontro, Kaye foi apresentado a Burroughs em 23 de dezembro do mesmo ano, na biblioteca particular de Vysparov em Nova York.

[7] Kaye insistiu por motivos que ele recusou divulgar, que este encontro não foi mero acidente, mas foi de alguma maneira orquestrado pela Ordem.

É evidente pelos documentos públicos que Burroughs residia principalmente em Paris e Londres na época. Ccru não encontrou nenhuma evidência de qualquer viagem aos Estados Unidos, apesar de que a sua biografia não é compreensiva o suficiente para excluir com certeza uma possível visita à Nova York. Não há dúvida que, logo após o inverno de 1958, Burroughs começou a escrever acerca de visões crípticas, “fenômenos paranormais”, encontrando o seu duplo, e trabalho com técnicas de corte. [8]

[8] Ver as correspondências de Burroughs de Janeiro de 1959.

Enquanto Burroughs caçava pela coleção sem paralelos da biblioteca que contava com trabalhos ocultos raros, ele fez uma descoberta que o envolveu numa radical e, aparentemente, ininteligível desordem do tempo e da identidade. O gatilho para o

seu centro com o texto que estava ainda para escrever: “um livro pictográfico com litografias aparelhadas por papel manteiga, “Os Lêmures Fantasma de Madagascar” grafado em ouro” (GLM 30). Ele não poderia saber que o Capitão *Mission* recorrera ao mesmo volume como guia três séculos antes (e descrevendo-o como velho na ocasião).

Navegando pelas páginas, Burroughs entrou num estado de transe catatônico momentâneo. Emergiu deste desorientado, quase incapaz de se manter em pé. Apesar da sua confusão, ele estava mais que encorajado em descrever, com estranho desapego sarcástico, o episódio anômalo [9]. Vinte e nove anos se passariam até Kaye compreender o que havia ocorrido.

[9] Kaye notou que tanto Vysparov quanto Burroughs se mostram abertos para falar sobre as suas experiências de cunho místico transcendental. Mesmo que tal abertura pareça ir na contramão do espírito hermético ocultista, descrito por Kaye como “surpreendentemente comum entre os magistas.”

Burroughs relatou para Kaye que, durante o transe, sentiu uma comunicação silenciosa na forma de pensamentos advindos duma presença fantasmagórica não-humana que lançou “flashes” acerca da sua vida futura, como um velho. Oprimido por uma “sensação esmagadora de destino implacável, como se fragmentos duma dimensão de tempo congelado estivessem galgando em sua percepção”, ele “rememorou” a escrita de “*Os Lêmures Fantasma de Madagascar*” – “todavia não foi exatamente uma escrita”, e os seus implementos de grafia eram arcaicos, como se pertencessem a outrem, doutro tempo e espaço.

Mesmo após se recuperar, o seu sentimento de opressão persistiu, como uma “nova dimensão da realidade”. A visão forneceu para ele “um insight horrível da mente prisão do Deus Único”. Convenceu-se que o conhecimento era “perigoso” e que “poderosas forças conspiravam contra ele”, e que “irmãos invisíveis estavam invadindo o tempo presente” (WV 220). O episódio potencializou a sua já super excitada impressão que o animal humano é cruelmente preso no tempo por um poder alienígena. Em lembranças posteriores, escrevera que “Tempo é uma aflição humana; não é uma invenção humana, mas uma prisão”. (GC 16-17)

Apesar de não existir nenhuma evidência direta de cunho historiográfico que corrobora com a descrição de Kaye sobre os eventos, o período imediato após o episódio de 1958 fornece evidências sintomáticas da transformação das estratégias de Burroughs e as suas preocupações e interesses no período. Foi agora que a escrita de Burroughs teve uma mudança radical de direção, com a introdução de técnicas experimentais com o propósito único de escapar das amarras daquilo que já-estava-escrito, mapeando rotas de fuga do destino. O papel de Gysin na descoberta dos cortes e recortes é bem conhecido, mas o relato de Kaye tem uma precedência especial, pois foi a partir daí que Burroughs começou a empregar estes novos métodos pós-1958. As técnicas de corte como “táticas inovadoras da guerra temporal”, com a função de subverter as fundações do universo pré-gravado. [10] “Corte as Linhas de Palavras com tesouras e canivetes como preferir; as Linhas de Palavras te mantêm no tempo”. (WV 270)

[10] Burroughs descreveu o seu método de produção – recortes e dobras – como tecnologias de viagem no tempo codificadas como passagens entre magnitudes decimais: “Pego a página um e a dobro na página cem. Insiro o resultado composto como a página dez – quando o leitor lê a página dez, experimenta o flash de saltar a frente no tempo para a página cem, e de volta, para a página um”.

A adoção de Burroughs por estas técnicas era, tal como dito por Kaye ao Ccru, “um dos primeiros efeitos (se é que se pode utilizar termos tão frouxos) do trauma temporal”. Naturalmente, Kaye atribuiu a Burroughs uma intensa antipatia em direção àquilo que foi pré-gravado – um tema recorrente na sua ficção após *Almoço Nu* — por conta de suas experiências na biblioteca de Vysparov. A “revelação cósmica” na biblioteca produziu em Burroughs “um horror tão profundo” que ele viria a dedicar o resto da sua vida em planejar e propagar rotas de fuga das “salas diretoras e dos bancos de tortura temporais” (NE 33). Muito mais tarde, Burroughs viria a descrever o sentimento esmagador de inevitabilidade, da vida sendo um roteiro controlado por entidades malignas: “os conservadores do futuro se reúnem. Guardiões dos Livros Diretores: Mektoub, estava escrito. E eles não querem que seja transformado”. (GC 8)

Foi no momento imediato após o episódio da biblioteca de Vysparov que Burroughs começou a demonstrar os primeiros sinais duma certa afeição, aparentemente

aleatória, por lêmures, e que teria implicações decisivas que levariam décadas a aparecer.

Burroughs não tinha certeza de quem o controlava, como um “espião no corpo doutrem em que ninguém sabe quem está espionando quem” (WV 18). Até o fim de sua vida, lutou contra a “Coisa que estava dentro. O espírito horrendo” (GC 48), e apontando que “vivo numa constante ameaça de ser possuído, e numa constante necessidade de escapar da possessão, do Controle” (WV 94)

Escapando o Controle

Na mitologia de Burroughs, UDU emerge quando MU (o Universo Mágico) foi violentamente derrubado pelas forças do monopólio (WL 113). O Universo Mágico é povoado por muitos deuses, eternamente em conflito: não há uma possível Verdade Unitária, dado que natureza da realidade é constantemente contestada por entidades heterogêneas cujo interesse é radicalmente incomensurável. Onde a ficção monoteísta relata de segmentos rebeldes do Um primordial, Burroughs descreve o Um como aquele que inicia a guerra contra os Muitos:

“São tempos problemáticos. Há uma guerra no céu onde o Deus Único visa exterminar ou neutralizar os Muitos Deuses e estabelecer um centro de poder absoluto. Os sacerdotes se juntam a um lado ou outro. A Revolução se espalha vinda do Sul, movendo-se do Leste e para os desertos do Oeste. (WL 101)

UDU é “anti-mágico, autoritário, dogmático, o inimigo mortal de todos aqueles que operam no universo mágico, de maneira espontânea, imprevisível e viva. O universo que se impõe é controlado, previsível e morto” (WL 59). Tal universo dá forma a paradoxos sombrios — tão familiares à teologia monoteísta — e que necessariamente caem sob o juízo da onipotência e da onisciência.

“Reflita sobre o Universo do Deus Único: UDU. O espírito se espanta com horror diante dum impasse mortífero. Ele é Todo-poderoso e Tudo Sabe. Por isto, Ele pode fazer tudo e Ele pode fazer nada, dado que o ato de fazer demanda oposição. Ele sabe tudo, então não há nada para aprender. Ele não pode ir para lugar algum, pois Ele

está já em toda a porra de lugar, como bosta de vaca em Calcutá. ... O UDU é o universo pré-gravado no qual Ele é quem gravou.” (WL 113)

Para Kaye, a superioridade da análise de poder feita por Burroughs — quando contrastada com a crítica ideológica — consiste na sua ênfase repetida acerca da relação entre sistemas de controle e temporalidade. Burroughs enfatiza obsessivamente: “No Tempo todo ser que é espontâneo e vive irá murchar e morrer, como uma velha piada” (WL111). “Um impasse básico de todas as máquinas de controle é esse: Controle precisa de tempo para exercer controle.” (VW 339). A UDU controla os códigos excedentes da manipulação ideológica, somando-se numa programação de realidade cósmica, pois – no seu limite – “O Deus Único é Tempo” (WL 111). O pressuposto que o tempo cronológico é escrito no organismo em seu nível mais básico, gera um roteiro que é performado inconscientemente a partir de comportamentos habituais:

“Tempo é aquilo que acaba. Tempo é uma experiência limitada por uma criatura consciente. Consciência do tempo, isto é — ajustes do tempo em termos daquilo que Korzyski chamou de intenções de comportamento neuromusculares em torno do ambiente na totalidade... uma planta cresce em direção ao sol, animais noturnos se movimentam no pôr do sol... fezes, mijó, movimento, alimento, sexo e morte.” Porque o Controle precisa de humanos? O controle precisa de tempo. Controle precisa do tempo humano. Controle precisa de suas fezes, mijó, orgasmo e morte.” (AP 17)

O Poder opera de forma mais eficaz não a partir do convencimento da mente consciente, mas pela delimitação daquilo tudo que pode ser experimentado. Ao formatar os processos biológicos mais básicos do organismo em termos de temporalidade, o controle garante que toda experiência humana é – e está – no tempo. É por isso que tempo é uma “prisão” para os humanos. “O homem nasceu no tempo. Ele vive e morre no tempo. Onde quer que vá, leva o tempo consigo e impõe o tempo” (GC 17). A definição de homem de Korzybski como um “animal amarrado ao tempo” tem um sentido duplo para Burroughs. De um lado, os seres humanos se amarram no tempo: eles podem “tornar qualquer informação disponível ao longo do tempo para qualquer outro humano a partir da escrita”. (GC 66.) De outro lado, os humanos amarram-se ao tempo, construindo cada vez mais prisões que limitam as

suas emoções e percepções. “As palavras de Korzybski ganharam um horrível novo sentido para Burroughs na biblioteca”, Kaye disse, “pois ele viu que o amarrar-se no tempo realmente era, todos os livros, já escritos, para sempre amarrados ao tempo”.

Como o processo costumeiro de escrita é o meio no qual se “amarra o tempo”, Burroughs argumenta que a inovação nas técnicas de escrita operam des-amarros temporais, escavando um buraco no “presente” de UDU, e operando uma abertura do Espaço. “Corte as Linhas de Palavra com tesouras ou navalhas se preferir...As Linhas de Palavra abrem o tempo para você...corte as linhas....rasgue linhas no Espaço” (WV 270). O Espaço deve ser compreendido no seu sentido mais abstrato, como uma zona de potencialidades sem amarras que escapam do controle do já-escrito por UDU.

“Você pode ver que a escrita de Burroughs tem ampla importância”, escreveu Kaye, “Não é uma representação da guerra cósmica: já é, em si, uma arma nessa guerra. Não nos surpreende que as forças (do Controle) atentaram contra ele – visando neutralizá-lo como arma. Foi uma questão de grave urgência que os seus trabalhos fossem classificados como fantasias, experimentações dadas, qualquer coisa exceto o reconhecimento daquilo que realmente são: tecnologias para alterar a realidade”.

A Fenda

Por quase trinta anos Burroughs tentou escapar do inevitável. Diversos sinais indicavam que, no final da década de 1980, o Complexo Controle estava rachando, e o voo de escape de Burroughs do destino pré-gravado adentro num vortex de destinos indeterminados que chamou de “A Fenda”.

Kaye manteve, de forma consistente, que qualquer tentativa de datar o encontro de Burroughs com a Fenda implica num equívoco fundamental. De qualquer maneira, o seu próprio relato deste “episódio” salientava, repetidamente, a importância do ano de 1987, uma data que marcou um período de transição radical: o “olho” da “templex espiral”. Foi durante esse tempo que o obscuro trauma experimentado na biblioteca de Vysparov voltou com força total, saturando os sonhos de Burroughs e a sua escrita com visões de lêmures, fantasmas da Terra dos Mortos.

1987 foi o ano que Burroughs visou o Centro de Conservação de Lêmures na Duke University, consolidando uma aliança com os primatas não-antropóides, ou prossímios [11]. Em **Terras do Poente** – escrito por Burroughs nesse período – afirma-se que “A visão de um Lêmure Negro (*Eulemur macaco macaco*), com olhos vermelhos arredondados e uma pequena língua vermelha protuberante, o escritor teve experiências deliciosas que beiraram a dor” (WL 428). Ainda mais crucial, foi que em 1987, a revista Omni contratou e publicou uma história curta de Burroughs: *Os Lêmures Fantasmagóricos de Madagascar*, texto que se arremessou na Fenda da Guerra Temporal Lêmuriana.

[11] Há duas subordens de primatas, os antropóides (consistindo de macacos, gorilas e humanos) e os prossímios, que incluem os lêmures de Madagascar, os lorises asiáticos, os galgões australianos, e os tárσιos das Filipinas e da Indonésia. Os prossímios constituem um ramo da evolução que é mais antigo que os antropóides. Fora de Madagascar, a competição entre os antropóides fez com que os prossímios optassem por modos de existência noturnos.

As suspeitas de Kaye acerca de Burroughs surgiram a partir de sua atitude nitidamente obsessiva em relação aos seus gatos. A sua devoção para Calico, Fletch, Ruski e Spooner [12] exibem uma resposta biológica raizada que também é a inversão exata de sua aversão instintual às taturanas. A sua “conversão libidinal ao homem gato” (WV 506) rastreia e se correlaciona com a sua desilusão com funcionamento da sexualidade humana, do vício no orgasmo, e da Conspiração Venusiana.

[12] A relação afetiva de proximidade entre Burroughs e os seus felinos se faz evidente nas suas palavras finais, tal como aparecem em seus diários: “Nada é. Não há final para a sabedoria e a experiência – nenhuma porra destas. Não há um Santo Graal. Não há o Satori Final, nem a Solução Final. Apenas conflito. A única saída do conflito é amor, como este que sinto por Fletch, Ruski, Spooner e Calico. Amor puro. O que sinto pelos gatos é presente e passado.” (LW 253)

“Gatos podem ser o meu último elo com uma espécie que está morrendo” (WV 506) Burroughs escreveu no seu ensaio “O Gato Interior”. Para Kaye, era evidente que a intensificação e apego aos felinos domésticos era parte de uma corrente ainda mais

básica, tipificada por uma familiarização íntima do “espírito gato” ou “criatura” que perpassa outras espécies (incluindo “guaxinins, fuinhas, e os gambás”) (CRN 244) e uma numerosa variedade de lêmures, como o lêmure-de-cauda-anelada, o lêmure sifaka-de-coquerel e o lêmure-rato (GC 4), e por último, o lêmure-gentil-do-lago-Alaotra (GC 18). Como criaturas iniciatórias, familiares mediúnicos, e guardiões de portais ocultos, tais animais mediavam o retorno de Burroughs para um ambiente Lemuriano perdido, e para o seu duplo, Capitão Mission.

Kaye desprezava todos os relatos críticos que tratavam Mission como um avatar literário, “como se Burroughs fosse basicamente um romancista experimental”. Ele sustentava que a relação entre Burroughs e a Missão não era de autor para personagem, mas sim de “anacrônico contemporâneos, ‘[13] unidos em um nó de “fatos definidos, mas cognitivamente angustiantes. Destes fatos, nenhum era mais repugnante à racionalidade humana comum do que seu envolvimento mútuo com os Lêmures Fantasma de Madagascar.”

[13] O Ccru nunca compreendeu o sentido exato desta fala. Kaye parece sugerir que Mission e Burroughs eram a mesma pessoa, preso num vortex misterioso de “trocas de personalidade” que não poderia se resolver no tempo.

“Nós oferecemos refúgio para todos aqueles que sofrem com a tirania dos governos” (CRN 265) declarou Mission [14]. O seu enunciado foi o suficiente para despertar hostilidade dos Poderes Que São, entretanto, do ponto de vista deste, a carreira como pirata de Mission era uma transgressão trivial. A principal preocupação era o “significativo perigo” expressado pela preocupação do Capitão Mission com os lêmures” (GLM 28).

[14] A escrita de Burroughs sobre Madagascar como “um vasto santuário de lêmures e para os delicados espíritos que respiram por eles...” (GC 16). A convergência entre ecologia e refúgio político fascinavam Kaye, que em várias ocasiões apontou que o número para *Refuge* no Thesaurus de Roget é 666. A relevância disto escapa do Ccru.

“Mission estava passando cada vez mais tempo nas florestas com os lêmures” (GC 11) – os fantasmas de um continente perdido – deparando-se com distúrbios no

tempo e padrões espirais. Lêmures se tornaram seus companheiros na hora de dormir e sonhar. Ele descobriu que era a partir desta espécie ameaçada de extinção que estacava a chave para escapar do controle e tomar a iniciativa – ou pré-iniciativa – a partir da conexão com os Grandes Antigos.

O Conselho tratou o tráfico de Mission com os lêmures, os seus experimentos na feitiçaria temporal, o seu emaranhar anacrônico com Burroughs como uma ameaça singular e intolerável. “Num universo pré-gravado e totalmente previsível, o pecado mais sombrio é solapar a pré-gravação, o que pode resultar numa alteração do futuro pré-gravado. Capitão Mission era culpado desse pecado.” (GLM 27)

“Agora mais lêmures aparecem, como um quebra-cabeça” (GC 15) Lêmures são habitantes das terras do Poente, a “grande ilha vermelha” (GC 1116) de Madagascar, que Mission conheceu como a Lemúria Ocidental, “A Terra do Povo Lemur” (NE 98), um Oeste selvagem [15]. Foi na ilha de Madagascar que o Capitão Mission descobriu “que a palavra para “Lêmure” significa “fantasma” na linguagem nativa” (GC 2) – tal como os romanos da Antiguidade tratavam os lêmures como espectros, ou aparições dos mortos.

[15] Intrigantes correspondências entre pedras, fósseis e espécies animais encontradas no sul da Ásia e no leste da África fizeram com que os paleontólogos do século 19 e os geólogos viessem a postular um continente perdido que, num determinado momento, conectou estas duas regiões separadas. A teoria foi amplamente divulgada e defendida por E. H. Haeckel (1834-1919), que a usou para explicar a distribuição de espécies relacionadas aos lêmures espalhadas pela zona sul e sudeste da África, bem como no sul e leste da Ásia. Nesta base, o zoólogo inglês Philip Lutley Sclater (1829-1913) nomeou como o continente hipotético da Lemúria, ou Terra dos Lêmures. Lêmures são tratados como relíquias, ou lembranças biológicas dum continente hipotético: fantasmas vivos dum mundo perdido. A hipótese de Haeckel era mais ampla e propunha que o continente inventado foi o possível berço da espécie humana, especulando que isso servia como solução para o mistério Darwiniano do “elo perdido” (a ausência de uma espécie pré-humana imediata dos dados de fósseis). Para Haeckel, Lemúria foi a casa original da humanidade, o “Verdadeiro Eden”, e todos os traços desaparecem quando submersa. Ele considerou, ainda, que a unidade biológica da espécie humana

também foi perdida (vindo a se dividir entre outras doze espécies). Como conjuntura científica, Lemúria foi enterrada pelo progresso científico. Não apenas os paleontólogos já esfarelaram o problema do elo perdido com novas descobertas, mas a ciência das placas tectônicas substituiu a noção de “continentes submersos” a partir das derivas continentais. Agora, ignorado pela racionalidade convencional e tratada como Ficção Científica, ou mesmo um mito accidental, Lemúria afundou nas profundidades escuras mais uma vez.

[16] No fim do século 19, a Lemúria foi integrada por ocultistas – tal como tinha sido por seus primos cientistas – e amarrada numa elaborada teoria de evolução racial. Na “Doutrina Secreta”, como comentário do “Livro de Dzryan” (Atlanteana), H. P. Blavatsky descreveu a Lemúria como a terceira na linha de sucessão dos continentes. Precedida por Polarea e Hyperborea, e seguida por Atlantis (esta foi construída pelos fragmentos da Lemúria Ocidental). Atlantis precede o mundo moderno, e há outros dois continentes ainda por vir. De acordo com a ortodoxia Teosófica, cada “continente” tem um aspecto geográfico duma época espiritual, e serve como lar para a série das sete “Raças Raiz”. O nome de cada continente perdido é usado de forma ambígua para designar tanto o centro territorial da raça raiz dominante daquela época, como para a distribuição geral das terras daquele período (neste último aspecto, pode-se correlacionar com a deriva continental, e portanto dotado de maior desenvolvimento em termos da concepção científica). L. Sprangue de Camp descreveu a terceira raça raiz de Blavatsky, os Lemurianos como “similares aos macacos, hermafroditas e ovíparos”, contando com quatro braços, e alguns com olhos na parte de trás da cabeça, e que entraram em colapso com a descoberta do sexo. Há um consenso entre ocultistas que o olho traseiro dos Lemurianos persiste atualmente na forma da glândula pineal. W. Scott Elliot adiciona que os Lemurianos “tinham longos pés e que permitam longos passos, tanto para frente quanto para trás”. Neste viés, os Lemurianos descobriram o sexo durante o período da quarta sub-raça, intercruzando com bestas e produzindo os grandes gorilas. Esse tipo de comportamento foi visto como negativo pelos espíritos transcendentais, “Lhas”, que supostamente encarnavam nos Lemurianos de outrora, mas não mais. Os Venusianos se voluntariaram para tomar o lugar dos Lhas, e ensinaram os Lemurianos vários segredos (como a metalurgia, tecelagem e agricultura). Rudolf Steiner também era fascinado pelos Lemurianos, comentando inclusive em “Atlantis and Lemuria” que: “Essa Raça-Raiz, em sua totalidade, não

desenvolveu memória”. Os Lemurianos já nasciam como feiticeiros e os seus corpos tinham menos solidez, dotados de plasticidade e “instáveis”. Recentemente, Lemúria foi agrupada pelo Coronel James Churchward ao lado de Mu (continente perdido no Pacífico), e que derivou ao leste até se chocar e compor a Califórnia moderna. Blavatsky creditou Sclater como a fonte do nome Lemuria, mas certamente que ela, ou aqueles que faziam parte do seu círculo de ocultistas, eram cientes que Lemuria é o nome para a terra dos mortos, ou a terra do poente. A palavra Lemur é derivada do latim *lêmure*, literalmente: espectros dos mortos. Os romanos concebiam os *lemures* como fantasmas-vampiros, que deveriam ser apaziguados no festival de Maio. Neste viés, Eliphas Levi escreveu (em sua História da Magia) que “larvas e *lêmures*, imagens sombrias dos corpos que viveram e daqueles que ainda viveram, emitem uma miríade de vapores...”.

Na sua jornada em conjunto pelo continente fantasma de Lemúria, interligado por *lêmures*, Mission e Burroughs encontram “imortalidade” através do envolvimento com a população nativa não-viva. Ao descrever esse processo, Kaye colocou ênfase principalmente na visita de Burroughs em 1987 ao Lemur Center da Duke University. Foi essa colônia de *lêmures* que introduziu Burroughs ao “bolso temporal” do Oeste Lemuriano (GC 15), tanto quanto Capitão Mission que “derivava para fora, e cada vez mais rápido, no vasto guincho do tempo. Fora e abaixo, e fora, e fora”, repetia a voz em sua cabeça” (GC 17). Se a viagem-temporal sequer acontece, ela sempre acontece.

Ele se encontra diante de um portal, dentro de uma antiga estrutura de pedra (GLM 28) com o *lêmur* que era “o seu espectro, o seu Fantasma” (GLM 29), sentado numa mesa de escrita (com tinteiros, penas, canetas e pergaminhos (GLM 29)). Ele faz uso da droga nativa para explorar o portal. Quem o construiu? Quando? O conto vem para ele numa visão temporalmente corrompida, transmite por hieróglifos. Ele “escolhe a caneta-pena” (GLM 29)

É difícil descrever de onde veio o texto, mas ali está: “um antigo manuscrito ilustrado. Os *Lêmures Fantasmas de Madagascar* (GLM 29)”; “um velho texto com bordas litografadas, cobertas por papel manteiga, Os *Lêmures Fantasmas de Madagascar banhada a ouro*” (GLM 30). A visão ecoa e se sobrepõe, ondas de tempo entrelaçadas nas quais Mission e Burroughs coincidem. Eles copiam uma invocação

ou convocações, um templex bem bolado de inovação que precede a separação entre criação e gravação, atingindo um momento que “antecede a presença do humano na terra, antes do começo do tempo”. (GC 15)

“Quando acoplada com a África, Madagascar era a massa continental última, estendendo-se como um tumor desordenado por fendas de contorno futuro, essa longa fenda era como uma vasta ruptura, tal como a ruptura que divide o corpo humano”. (GC 16)

Eles se sentem como lançados 160 milhões de anos no futuro na medida que acessam a Grande Figura, uma derrapagem sísmica do tempo geológico na anomalia do tempo transcendental. A ilha de Madagascar se separa do continente Africano [17] – e do outro lado do tempo – a Lemúria Ocidental deriva, de volta, para o presente. A continentalidade Lemuriana se afunda para o futuro distante, isolando a ilha vermelha e o povo lêmuriano. “Qual é o sentido de 160 milhões de anos sem o tempo? O que significa tempo para os lêmures salteadores?” (GC 16-17)

[17] De acordo com consenso científico, a noção de 160 milhões de anos dada por Burroughs é exagerada. O conto geológico de Burroughs é moderno e não tem uma referência subsidiária à questão do continente. A emergência da hipótese Lemuria, todavia, e a presença dos lêmures em Madagascar é, no mínimo, um enigma. Lêmures são datados de 55 milhões de anos, enquanto a separação de Madagascar como uma ilha data 120 milhões de anos.

O tempo se cristaliza à medida que as contrações concêntricas se apoderam da massa espiral. Do fundo das idades do lento Pânico [18], eles veem o “Povo da Fenda, formulado pelo caos e pelo tempo acelerado, passar por cento e sessenta milhões de anos até a Divisão. De que lado você está? Tarde demais para mudar agora. Separado por uma cortina de fogo.” (GLM 31).

[18] Burroughs pontuou que Mission: “Era um emissário do Pânico, do conhecimento que a humanidade mais teme: a verdade acerca de sua origem.” (GC3)

Os Lêmures Fantasmas de Madagascar abrem-se para a fenda, ‘a divisão entre o selvagem, o atemporal, o livre e o domesticado, o limitado pelo tempo, o amarrado’

(GC 13) como um lado “da fenda derivado para encantado inocência atemporal “e a outra” moveram-se inexoravelmente em direção à linguagem, tempo, uso de ferramentas, uso de armas, guerra, exploração e escravidão” (CG 49).

De que lado você está?

Na medida que o tempo se torna rígido, o Conselho isola o povo lemuriano, apostando naquilo que já se passou, um fantasma de chance, uma chance que já está morta: “aquilo-que-poderia-ter-sido era uma chance num bilhão e se perdeu”. (GC 18) Exterminar os selvagens... “Mission sabia que a chance de isto ocorrer uma única vez em 160 milhões de anos tinha se perdido para sempre” (GC 21) e Burroughs acordou gritando do seu sonho com “lêmures mortos, espalhados pela colônia” (CG7). [19]

[19] Burroughs escapa da órbita da Magia Branca na medida que a sua aliança com os lêmures se fortaleceu – para o Conselho, esse apoio à causa de conservação dos lêmures (Duke University) deve ter sido a provação mais intolerável.

De acordo com Kaye todos que “estavam por dentro” sabiam que os pesadelos advinham de um lugar real. Isso, tanto quanto várias outras coisas, aparecem na reconstrução dada por Kaye acerca do evento de 1987 e centrado em torno de “*Os Lêmures Fantasma de Madagascar*“, um relato tratado por ele como estritamente factual, quase como sagrado. Ele explicou que essa postura de interpretação foi amplamente desenvolvida pelo Conselho, dado que respeitar a realidade de não-atualidades é, essencialmente, o que se passa quando se faz guerra em ambientes virtuais profundos: em espaços recheados de abstrações influentes e outras fantasmagorias. Kaye considerou Bradley Martin, por exemplo, como inteiramente real. Descrevendo-o como um agente do Conselho e cuja tarefa era selar a “antiga estrutura” que proporcionava acesso a Fenda.

O Conselho sabia, há tempos, que a biblioteca de Vysparov continha uma velha cópia de “*Os Lêmures Fantasma de Madagascar*” datada com as palavras “Agora, em 1987” (GLM34). O catálogo fora feito em 1789. O texto era uma abominação temporal auto-confessada e demandava uma correção radical. Não respeitava os princípios

fundamentais de sequência e causalidade, alinhando-se abertamente com o povo lêmure.

O que o Conselho precisava era um ponto final. Burroughs fora uma escolha óbvia por uma série de razões. A sua sensibilidade para transmissões, uma misoginia ameaça e um chauvinismo de mamífero, marginalmente socializado e controlado pelo junk. Eles estavam confiantes, lembrou Kaye, que o lançamento da “história” de 1987 se “perderia como uma ficção auto-marginal feita por um veado drogado”.

Externamente, tratava-se de um acobertamento, mas internamente havia uma tarefa mais essencial. Pois herdavam a responsabilidade de aplicar a Lei do Tempo e de UDU: defender a integralidade da linha do tempo. Essa “Grande Tarefa” implicava em compromissos horrorizantes. Kaye citou a máxima hermética: a estrita obediência à Lei justifica graves transgressões. “Eles estavam falando da Cronomancia Branca”, explicou, “que sela as perturbações e fugas do tempo em loops fechados” [20]. Aquilo que Mission havia entregue para Burroughs foi selado. Por isso que, para o Conselho, parece que o círculo foi fechado em 1987.

[20] O conceito físico de “curvas fechadas temporais” invoca uma causalidade na qual o futuro torna o passado aquilo que ele é. Elas funcionam para fazer com que as coisas se desdobrem como devem. Este é o único tipo de viagem temporal “permitida” pela natureza quando não se tem qualquer empecilho para sua manutenção (como por exemplo: não mate os seus avós). As políticas rigorosas das leis temporais do Conselho, todavia, indicam que o problema de “patrulhar o tempo” é mais complexo do que parece.

Confiantes que o fechamento transcendental do tempo foi obtido, o Conselho se apropriou do texto como um relato de uma intuição pré-cognitiva, uma profecia que poderia ser minada para obter informações. Confirmou-se que o imperativo primário e a doutrina básica, projetando o triunfo último de OGU, bem como a eliminação total da insurgência Lêmuriana. Mission também compreendera isto: “Não há trégua, não há paz possível. Trata-se de uma guerra de extermínio” (GC9)

O que o Conselho parece que não percebeu foi que Burroughs mudou o final, e que o “ponto final” abriu a rota para as terras do poente [21]. Coisas que há muito

deveriam ter sido finalizadas, continuavam a se agitar. É como se ocorresse uma coincidência pós-morte ou não-viva que se reanimou pelo vortex. Um desdobramento estranho ocorreu. Burroughs intitulou como “The Ghost of a Chance” e mascarou o retorno dos Grande Antigos em palavras inócuas: “Povos do mundo finalmente retornam a sua origem em espírito, de volta ao pequeno povo lêmure...” (GC 54). O Conselho não teve dúvidas – tal retorno era um verdadeiro horror.

[21] “A estrada para as terras do poente é, por definição, a mais perigosa do mundo, pois é uma jornada para além da Morte, além da estrutura básica do Medo e Perigo de Deus. É uma das rotas mais bem patrulhadas no mundo, pois é através dela que se acessa a maior de todas as dádivas: imortalidade”. (WL 124)

Entretanto, Kaye insistiu que, para aqueles que ainda quisessem ver, *Os Lêmures Fantasmas de Madagascar* anunciavam um destino tubular lêmuriano desde o começo, e que as suas últimas palavras “se perderam entre as ondas”. (GLM 34)

As últimas palavras de Kaye para o Ccru, escritas num pedaço de papel, grafadas com uma caligrafia aranhosa que indicava uma maré de insanidade próxima, consistiram numa conclusão pouco satisfatória: “Em torno da Fenda Temporal, o término se confunde com as beiradas numa corrente espiral latente”.

[AP] Ah Pook is Here.

[CR] Cities of the Red Night. Picador: New York. 1981

[DF] Dead Fingers Talk. Tandem: London. 1970

[GC] Ghost of Chance. High Risk Books: New York. 1991

[GLM] The Ghost Lemurs of Madagascar, Apr. 1987 \[Omni\]. Omni Visions One. Ed. Ellen Datlow. Omni Books: North Carolina. 1993

[LW] Last Words, The Final Journals of William S. Burroughs. Grove Press: New York. 2000

[LWB] Letters of William Burroughs. Viking: New York. 1993

[NE] Nova Express. Grove Press, inc.: New York. 1965 ...

[WL] The Western Lands. Penguin Books: New York. 1988

[WV] Word Virus: The William S Burroughs Reader. (eds. James Grauerholz and Ira Silverberg). Grove Press: New York. 1998



Autor: Willian Perpétuo Busch

Doutorando em História (UFPR), mestre em História (UFPR) e em Antropologia (UFPR), bacharel e licenciado em Filosofia (UFPR). [Ver todos os artigos de Willian Perpétuo Busch](#)



Willian Perpétuo Busch / Junho 19, 2021 / Artigos, CCRU /

Estudos de Ficção Científica / Criado com WordPress